

É importante destacar que esta é uma abordagem sociológica dos acontecimentos que marcaram aquela importante época histórica, mas evidentemente, temos que esclarecer o que significa uma análise sociológica de qualquer processo histórico.

Resumidamente, pode-se dizer que quando efetuamos uma análise sociológica, no mínimo, devem ser identificados alguns fatores ou elementos constituintes fundamentais, tais como: os principais agentes sociais coletivos, ou os atores sociais, como conceitua Max Weber, que fazem parte, atuam como forças sociais e exercem importantes papéis no processo histórico em análise. Devem ser destacadas, ainda, as principais características e os tipos de relações sociais travadas entre aqueles agentes sociais coletivos, nos planos econômico, político e cultural; e, os principais interesses e valores que estão em confronto ou fazem parte do processo histórico. Cabe, também, ser verificado em que medida o processo em estudo alterou, ou não, as relações sociais estruturais daquele momento histórico.

CONSIDERAÇÕES SOCIOLÓGICAS SOBRE A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Este importante processo histórico foi iniciado por volta de 1760, na Inglaterra, principalmente na produção têxtil. A primeira fase da Revolução Industrial se estendeu até, aproximadamente, 1850, correspondendo à fase do denominado *capitalismo liberal ou concorrencial*. A segunda fase da Revolução Industrial teve início por volta da metade do século XIX, adentrando ao século XX, caracterizando o denominado *capitalismo monopolista*.

A primeira Revolução Industrial constitui-se num processo de transformação socioeconômica como poucas vezes foi vista na história da humanidade. Estas drásticas alterações, que tiveram início no campo das técnicas de produção têxtil de algodão, foram marcadas pela passagem do modo de produção manufatureiro para a produção industrial maquinofatureira, impulsionada pelo advento da máquina a vapor.

Esta notável evolução tecnológica causou uma profunda transformação nos hábitos e costumes da sociedade, tornando necessária uma inevitável adaptação dos indivíduos a essa nova tecnologia.

"A partir deste momento as relações sociais são redefinidas em seu conjunto, os conflitos sociais são redesenhados num espaço determinado,(...) Nestes termos, a Revolução Industrial é determinada e determinante de um sociedade com feições e estrutura completamente novas. A Revolução Industrial é uma síntese que culmina um período de transição e dá nascimento ao capitalismo pleno, superando a fase de acumulação primitiva do capital, nesta medida é uma ruptura e uma consolidação, porque consolida definitivamente o modo de produção capitalista, modo de produção este que passa a estar identificado ao mundo da industrialização." 5

No trecho acima, do Prof. José Jobson de Arruda, fica bem explícita a relação entre o momento de transição estrutural marcado pela Revolução Industrial e o processo de total afirmação do modo de produção capitalista.

Aqui, é que justamente sempre se coloca a questão: porque a Revolução Industrial teve início na Inglaterra?

A resposta a esta questão envolve diversos aspectos, mas de maneira, didaticamente resumida, pode-se dizer que os principais fatores que justificam a primazia britânica são:

a) o reino inglês foi um país que ao longo de, aproximadamente, três séculos, conseguiu uma grande acumulação de capital, face ao sucesso de seu papel na Revolução Comercial e à adoção da política econômica mercantilista, habilmente aplicada em relação ao comércio ultramarino com suas colônias, além do capital proveniente da exploração colonial e do lucrativo tráfico de escravos. Ao conjunto destes últimos fatores é o que diversos autores denominam de acumulação primitiva de capital, processo fundamental para os futuros investimentos na produção industrial.

A Inglaterra soube não só efetivamente explorar suas próprias colônias, como também exercer uma forte interferência político-econômica sobre outros países europeus, como o caso de Portugal, envolto em enormes dívidas com o Estado britânico, que passava a usufruir, indiretamente, da exploração colonial portuguesa no Brasil, principalmente no século XVIII, na fase da extração do ouro e diamantes de Minas Gerais.

b) outro fator, que também, explica a hegemonia britânica na Revolução Industrial, foi no plano político, o fato de ter sido o primeiro Estado europeu a derrubar o regime absolutista, em função da Revolução Gloriosa, de 1688. Este processo conferiu à burguesia inglesa maiores poderes e interferências na política e na economia, além de que, no início do século XVIII, terem conseguido instalar a forma de governo parlamentarista, acompanhado pelo crescente poder da burguesia e de uma soberania real limitada.

A Inglaterra, no século XVIII, sem dúvida, passava a ser a principal nação capitalista, inclusive porque a França estava abafada e envolvida nos entraves do forte absolutismo monárquico e, em seguida, pelos efeitos da Revolução Francesa de 1789.

c) outros fatores de ordem natural também estiveram presentes: a existência de consideráveis reservas de carvão e ferro, no próprio subsolo das ilhas inglesas. Além deste, são até mencionados aspectos climatológicos, na medida em que o clima úmido das ilhas britânicas é propício à tecelagem de algodão, contribuindo para não tornar o fio de algodão quebradiço. Estas causas naturais, que sempre existiram, entretanto, de nada adiantariam se não tivessem ocorridos os mencionados fatores econômico-políticos, que possibilitaram o concreto aproveitamento das condições naturais da Inglaterra.

Antes, porém, de abordarmos a radical alteração tecnológica que ocorreu na forma de se produzir, temos que comentar sobre as anteriores formas de produção, ou seja, os modos de produção que antecederam o da *maquinofatura*.

O primeiro modo de produção têxtil (e de outros produtos) foi o artesanato.

Neste sistema produtivo, característico da fase final da Idade Média e dos séculos iniciais da Idade Moderna, não havia divisão de trabalho, pois todas as etapas da produção eram feitas nas oficinas pelo mestre artesão, auxiliado por pessoas de sua família ou por seus companheiros e por jovens aprendizes.

Tratava-se, portanto, de uma atividade com fortes características artísticas, na qual este tipo de produção artesanal doméstica, em relação aos mais diversos produtos, era feita nas denominadas oficinas, das cidades medievais.

No decorrer da história medieval, os mestres artesãos de um mesmo ofício se associavam numa Corporação de Ofício (ou grêmio), que controlava as atividades artesanais, por meio de rigorosa regulamentação, inclusive sobre a qualidade da produção, sobre a qualificação de pretendentes à função de mestres, submetidos a verdadeiras provas de habilidade técnica controladas pelos mestres, sobre a remuneração dos companheiros, em relação a forma de comercialização dos produtos (bens finais) e até a forma de divulgar o local da oficina e seus produtos. Estas corporações de ofício visavam, evidentemente, o monopólio da produção e comercialização de um determinado ramo de atividade, numa certa região.

Outro modo de produção e que antecedeu o industrial, foi o manufatureiro, que representou uma etapa mais sofisticada face ao artesanal.

Na manufatura, ocorria a concentração de diversos trabalhadores numa espécie de grande galpão, sob a direção direta de um chefe, o burguês manufatureiro, que era o proprietário do capital e dos *meios materiais de produção*.

Aqui, temos que fazer uma pequena interrupção na abordagem do que foi o do modo de produção manufatureiro e fazermos uma explicação em relação a um importante conceito da Sociologia e da Economia, ou seja, o que deve ser entendido por *modo de produção*.

Sociologicamente, o conceito de meios materiais de produção diz respeito a importantes aspectos que aparecem em qualquer produção, sem os quais ela não seria possível de ser realizada.

Compõem os *meios materiais de produção* dois conjuntos de elementos: a) os objetos de trabalho, ou seja, toda e qualquer matéria bruta ou prima, sobre a qual será exercido um processo de transformação, gerando um produto (ou bem) final ou um serviço.

b) os instrumentos de trabalho, constituídos por toda e qualquer ferramenta ou equipamento que possibilita a transformação de uma matéria bruta ou prima num produto acabado. Não há produção, do que quer que seja, sem a presença dos meios de produção, desde a construção de